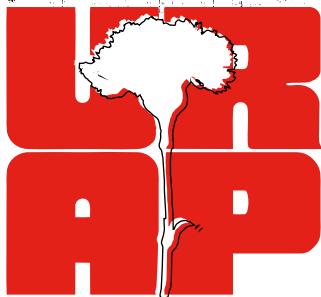


50 anos de Abril



## *Continuar a luta resistente e antifascista pelos valores de Abril*

No Boletim de Outubro/Dezembro de 2023, da lavra de Joaquim Judas do Conselho Nacional da URAP, está escrito: “É dever de todos os democratas, e em particular dos antifascistas, defender os valores de Abril consagrados na Constituição da República e combater a sua adulteração pelas políticas de direita, que desde a primeira hora os têm combatido e deturpado, levando à perda de oportunidades de progresso e ao agravamento dos problemas do povo e do país”.

Os recentes resultados das Eleições Legislativas de 10 de Março prenunciam tempos duros e difíceis em Portugal, num contexto internacional em que forças fascistas e fascizantes ganham terreno, sobretudo na Europa preta carregada de contradições e cujo rumo é imprevisível.

De facto, os que defenderam e defendem os valores de Abril, certamente com vários posicionamentos, tiveram um desaire eleitoral significativo, cujas causas residem nos problemas que os portugueses não viram resolvidos, e alguns até se agravaram, nos últimos anos de maioria absoluta da Assembleia da República, nomeadamente nas áreas do trabalho, salários e pensões, saúde, habitação e educação.

A direita e a extrema-direita de laivos sinal fascizante acenam agora com afirmações de que Portugal vai sair da situação grave em que se encontra, como se não tivessem sido também co-responsáveis pelas políticas de direita.

A URAP – União dos Resistentes Antifascistas Portugueses, apesar de ficar triste lamentar os resultados eleitorais, não se deixará abater e ganhará novas forças resistentes e antifascistas para continuar a lutar nas suas várias áreas de intervenção, na convicção profunda de que os valores de Abril calam fundo no coração e nas aspirações dos portugueses.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril com sessões de esclarecimento sobre os tempos do fascismo e o 25 de Abril e as suas conquistas nas escolas, um pouco por todo o país, para milhares de alunos e dezenas de professores.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril realizando um desfile no dia 2 de Abril, nos 48 anos da aprovação da Constituição da República Portuguesa, conjuntamente com muitas organizações unitárias que exercem, divulgam e celebram a Constituição de Abril.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril fazendo sessões de apresentação e divulgação dos livros editados pela URAP da “Colecção Páginas de Memória”.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril ao apresentarmos um novo livro: “A Cadeia de Caxias, da Repressão à Liberdade”, no dia 6 de Abril, no qual lembramos os nomes dos mais de 10.000 presos políticos que estiveram encarcerados no Forte de Caxias.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril nas Comemorações Populares dos 50 Anos do 25 de Abril, em Lisboa e em muitas outras cidades e vilas do país.

Prosseguiremos a luta pelos valores de Abril ao realizarmos uma Conferência Internacional, no dia 26 de Abril, no Auditório da Escola Secundária Camões, em Lisboa, onde será feita uma análise da situação política, económica, social e cultural da Europa e do Mundo.

Finalmente, participaremos na homenagem a todos os resistentes antifascistas presos, torturados e alguns assassinados, no dia 27 de Abril de 2024 (50 anos depois da sua libertação das cadeias de Caxias e de Peniche), ao inaugurar o Museu Nacional da Resistência e Liberdade, na Fortaleza de Peniche, o único no país, com génese na luta popular que será um património histórico vivo da luta contra o fascismo ao dispor de todos nós e das gerações vindouras.

A URAP – União dos Resistentes Antifascistas Portugueses continuará a lutar contra o branqueamento do fascismo e contra a reescrita da História, pela verdade, esclarecimento e informação, baseada nos valores humanistas e progressistas, por uma vida melhor e pela Paz e a Cooperação entre os Povos de todo o Mundo.



### ***Todos às comemorações do 25 de Abril***

*A URAP apela à participação de todos os democratas e antifascistas nas comemorações populares do 25 de Abril, no ano em que a Revolução cumpre meio século - Pág. 5*

### ***Museu Nacional Resistência e Liberdade***

*inaugurado em Peniche a 27 de Abril - Pág. 12*

*Ilustração inédita de Marta Nunes para a URAP nas páginas centrais - Págs. 6 e 7*

César Roussado

# Casa do Alentejo convida URAP e MDM Dia Internacional da Mulher

A Casa do Alentejo, em Lisboa, encheu-se para ouvir Ana Pato, do Conselho Directivo da URAP, e Sandra Esteves, do Conselho Nacional do MDM, numa sessão realizada a 2 de Março, destinada a assinalar o Dia Internacional da Mulher.

Ana Pato afirmou que comemorar o Dia Internacional da Mulher é «assinalar as enormes vitórias das mulheres no caminho da igualdade; da igualdade de direitos, mas também de oportunidades; de igualdade na lei, mas também na vida», para sublinhar que é também «lutar para defender o que foi conquistado, para não deixar andar para trás e denunciar e identificar tudo o que ainda falta percorrer».

Já Sandra Esteves afiançou que «não, não está tudo conquistado» enquanto não houver salários que permitam a uma mulher libertar-se da violência doméstica, estabilidade e direitos no emprego que permitam a articulação entre o trabalho e a família, a fruição da cultura e do lazer, a intervenção e participação das mulheres na sociedade.



Numa sala repleta de cravos, assistiu-se a poesia dita por Santos Andrade, a música de Ruben Martins e aos dançares de um grupo de mulheres em solidariedade com a Palestina.

Jorge Alves, da direcção da Casa do Alentejo, apresentou a sessão na qual participou Zelmys Domínguez Cortina, embaixadora de Cuba em Portugal, que falou sobre o papel da mulher cubana na revolução.

## «TESTEMUNHOS EM LIBERDADE - ANTES E DEPOIS DE ABRIL», NO BARREIRO

O núcleo da URAP do Barreiro, em colaboração com o núcleo da Associação José Afonso do Barreiro e Moita, promoveu a 3 de Fevereiro uma sessão denominada «Testemunhos em Liberdade - Antes e depois de Abril», na Sociedade Filarmónica Agrícola Lavradiense.

Dirigida por Júlio Dias, do Conselho Nacional, intervieram na sessão os antigos presos políticos e antifascistas Alfredo Matos, Armando Teixeira, Francisco Fanhais e Isabel do Carmo, bem como os jovens Jéssica Pereira e Miguel Amaral.

Na presença de cerca de 150 pessoas, falou-se da vida dos portugueses durante a ditadura, com falta de liberdade de expressão, censura, opressão, prisões e tortura, bem como a ausência de condições de vida para a maior parte da população, o desemprego, a miséria e a guerra colonial. Contou-se o significado do 25 de Abril de 1974, a democracia e as liberdades conquistadas.

Após as intervenções seguiu-se um debate, tendo a sessão terminado ao som de «Grândola, Vila Morena».

Já no dia 5 de Novembro, o mesmo núcleo tinha organizado um almoço na Associação de Reformados do Barreiro, com a presença de 60 pessoas, entre as quais antigos presos políticos, familiares e amigos. Carlos Mateus, do Conselho Directivo, fez a intervenção pela URAP.

## Abril ontem e hoje

A União de Freguesias de Mosteirão e Vilar, concelho de Vila do Conde, convidou a resistente antifascista e expressa política Conceição Matos, dia 17 de Fevereiro, para abrir as comemorações dos 50 anos do 25 de Abril que a freguesia vai levar a cabo. Conceição Matos, que é membro do Conselho Nacional da URAP e militante do PCP, foi recebida pelo executivo da Junta, que a homenageou. Uma professora da terra prestou igualmente homenagem ao PCP através da luta e firmeza de Conceição Matos.

Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional, participou a 17 de Fevereiro numa sessão comemorativa da Revolução de Abril na freguesia de Milheirós de Poiares, no concelho de Santa Maria da Feira.

Em Vila Nova de Gaia, o núcleo local da URAP organizou no mesmo dia 17 de Fevereiro uma sessão pública com o resistente antifascista Domingos Abrantes, sob o lema «Como chegámos aqui? Para onde vamos?». A sessão decorreu no salão da Junta de Freguesia de Canidelo.

## Memorial aos Presos e Perseguidos Políticos do Concelho de Mafra

Um Memorial evocativo da Resistência e Luta dos presos e perseguidos políticos pelas polícias da ditadura fascista (1926-1974), em Mafra, vai ser inaugurado, dia 24 de Abril, às 22h00, no Largo Coronel Brito Gorrão, desta cidade.

O Memorial, construído para assinalar o 50º aniversário do 25 de Abril, é uma iniciativa da URAP-Mafra e de um grupo de cidadãos democratas do Concelho, que conta com o apoio da Câmara Municipal.



Desde Janeiro que a URAP instala em Lisboa uma banca para divulgar as suas publicações e posições. Nesse primeiro mês, foi instalada uma banca no Marquês de Pombal, onde foi distribuído o boletim e vendidos vários livros. Em Fevereiro, o local escolhido foi a Cidade Universitária.

# URAP

### URAP

Propriedade e edição da  
**UNIÃO DE RESISTENTES ANTIFASCISTAS  
PORTUGUESES**

Membro da Federação Internacional de Resistentes

DIRECTORA **ANA PATO**  
REDACTORA **LUÍSA TITO DE MORAIS**  
PAGINAÇÃO E GRAFISMO **SÓNIA SEMIÃO**

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO  
RUA DA BENEFICÊNCIA Nº 239-A, 1600-019 LISBOA •  
TELEFONE 213 576 083  
DEPOSITO LEGAL: 357338/18

## *URAP leva às escolas a luta pela liberdade*

Em várias escolas do País, a URAP tem promovido e participado em sessões sobre o fascismo, a resistência, a Revolução e a necessária defesa das suas conquistas.

No dia 25 de Janeiro, na Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar, em **Peniche**, foi apresentado o livro «Forte de Peniche - Memória, Resistência e Luta». João Neves, do Conselho Directivo da URAP, e Aida Rechena, directora do Museu Nacional Resistência e Liberdade (MNRL), intervieram na sessão organizada pela Biblioteca da escola e pela URAP, que contou ainda com um momento musical dirigido por Carlos Alves, maestro do coro Stella Maris e do coro da Lourinhã. Nessa instituição de ensino está patente até Maio uma exposição da URAP sobre o 25 de Abril.

No mesmo dia, na Escola Secundária de **Peniche**, o ex-presos político Domingos Abrantes e João Neves, do Conselho Nacional da URAP, conversaram com alunos sobre as prisões políticas do fascismo e as fugas, particularmente a de Caxias (da qual Domingos Abrante foi participante).

No dia 29 de Fevereiro, uma vez mais na Escola Superior de Turismo e Tecnologias do Mar, foi apresentado o livro «A Caminho do 25 de Abril: 50 Anos - 3.º Congresso da Oposição Democrática», em parceria com a biblioteca do Instituto Politécnico de Leiria. A obra foi apresentada por Joaquim Judas, do Conselho Nacional, numa iniciativa que incluiu também um momento cultural com o músico, compositor e intérprete oriundo de Peniche João Leitão.

Ainda a 25 de Janeiro, a URAP participou numa sessão, dia 25 de Janeiro, com alunos da Escola Secundária de **Vila Nova de Foz Côa**, organizada pela Associação de Estudantes, que contou com a presença de cerca de 220 alunos e professores do 9.º ao 12.º anos. Clemente

Alves, do Conselho Nacional da URAP, revelou que durante os anos do fascismo cerca de 80 homens e mulheres naturais de Foz Côa foram presos e perseguidos pela PIDE, um dos quais acabou por morrer no campo de concentração do Tarrafal.

Na semana de 26 a 29 de Fevereiro, a URAP esteve por duas vezes na Escola Augusto Cabrita, no **Barreiro**, para falar a alunos e professores do 12.º ano. Na primeira, participaram Apolónia Teixeira, ex-presos política, e José Encarnação, antifascista. Na segunda estiveram presentes dois operacionais do MFA: o à época Tenente Andrade Silva, actualmente Coronel, e o Furiel Miliciano Vítor Pássaro.

No concelho de **Moita**, tiveram lugar duas sessões na Escola Básica de Vale da Amoreira. A 27 de Fevereiro, com Margarida Machado, do Conselho Nacional da URAP; e a 12 no mesmo mês, com Xico Braga, membro do mesmo organismo. Ao todo conversou-se com mais de duas centenas de estudantes.

António Vilarigues foi o orador convidado na sessão realizada a 20 de Fevereiro na Escola de Aguada de Cima, no concelho de **Águeda**. Participaram cerca de 60 alunos de três turmas do 9.º ano. Nessa escola esteve patente a exposição da URAP.

Os alunos do 3.º e 4.º anos do Agrupamento de Escolas de **Alter do Chão**, no âmbito da Fábrica de Histórias, com o apoio da Comunidade Intermunicipal do Alto Alentejo - CIMAA estão a elaborar um livro sobre o 25 de Abril. Para se documentarem, os alunos do 4.º ano convidaram o coordenador da URAP, José Pedro Soares, para uma sessão realizada a 21 de Fevereiro.

Maria José Ribeiro, do Conselho Nacional da URAP, participou na palestra «O Estado Novo e a repressão vivida no feminino», realizada no dia 21 de Fevereiro



na Escola Secundária Henrique Medina, em **Esposende**. Promovida pela secção de História «25 de Abril – 50 anos, 50 acções» e da Cidadania e Desenvolvimento, estiveram presentes alunos das turmas do 11.º e do 12.º ano do curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades e das turmas do 10.º e 11.º ano do curso Científico-Humanístico de Ciências Socioeconómicas. Também participou António Moreira dos Santos, do Conselho Nacional e também do núcleo de Braga da URAP.

Em **Barcelos**, a Escola Secundária Alcaldes de Faria acolheu, a 7 de Fevereiro, a sessão «Testemunhos de um antifascista». A URAP exibiu a exposição comemorativa do 25 de Abril e promoveu uma venda dos livros que tem editados. A iniciativa, criada pelo professor Fernando Miranda, teve um debate no qual participaram também Vítor Branco, advogado, António Moreira dos Santos, do Conselho Nacional da URAP, e Manuel David Macedo Lourenço, director do Agrupamento.

O Município e Agrupamento de Escolas de **Alcácer do Sal**, com a colaboração da URAP, promoveram no dia 6 de Março, no Auditório Municipal, uma palestra com José Pedro Soares, coordenador da URAP. Estiveram presentes cerca de 180 alunos, do 9.º ao 12.º anos, e uma dezena de docentes de História.

## *Festival de Cinema Indiejunior, no Porto*

O Festival de Cinema Indiejunior, dia 23 de Janeiro, no Porto, contou com a presença da URAP em seis sessões para conversar com os jovens sobre as condições de vida no tempo da ditadura, a resistência e as prisões fascistas.

As sessões, realizadas na Casa das Artes e no salão de cinema da Biblioteca Almeida Garrett, contaram com centenas de alunos e professores do Ensino Secundário.

Os alunos colocaram questões sobre as condições em que se vivia na ditadura,



sobre as prisões e a tortura a que foram sujeitos aqueles que lutaram pela liberdade e pela democracia. Foi realçado o perigo que actualmente volta a ameaçar as liberdades conquistadas com a Revolução de Abril.

Pela URAP participaram Clemente Alves, Domingos Oliveira, Maria José Ribeiro, Bernardo Vilas Boas, Conceição Mendes e Oliveira Alves.

# Por um Museu da Resistência Antifascista no Porto

«A caminho dos 50 anos do 25 de Abril, Por um Museu da Resistência Antifascista no Porto» é o nome de uma Petição Pública que circula no País, endereçada ao Governo e às Chefias Militares, e que apela a que a antiga delegação da polícia política no Porto, na Rua do Heroísmo, se transforme num museu que celebre as mais de 7600 pessoas encarceradas neste local.

A URAP convoca todos os democratas e antifascistas para que apoiem esta causa e assinem a petição, lembrando que estes homens e mulheres estiveram presos por lutarem pela democracia, a liberdade, a paz, a justiça social, muitos dos quais foram agredidos e torturados e, em pelo menos dois casos, até à morte.

A petição, que faz um relato de todas as iniciativas levadas a cabo até agora para que este objectivo se torne realidade, lembra que o edifício está sob tutela do Ministério da Defesa, que ali instalou um Museu Militar. Simultaneamente, a URAP foi autorizada



No dia 19 de Fevereiro, activistas da URAP recolheram assinaturas nas ruas do Porto pela criação do museu da resistência naquela cidade

a montar no seu interior um projecto museológico denominado «Do Heroísmo à Firmeza - percursos da memória na casa da PIDE do Porto 36/74».

Alguns passos já foram dados. Em 2004, o Governo Civil do Porto afixou uma placa em que se lê: «Homenagem do povo do Porto - Aos democratas e antifascistas que neste edifício foram humilhados e torturados pela PIDE/DGS». E, em frente da entrada, foi colocado um busto

em memória de Virgínia Moura, grande resistente antifascista portuguesa, residente no Porto, que ali esteve presa.

«Apela-se, por isso, a que as entidades competentes, Governo e Chefias Militares, tomem as medidas necessárias para que se torne realidade a criação, no edifício do Heroísmo, do Museu da Resistência Antifascista no Porto, sem prejuízo do projecto museológico em curso, e com envolvimento da URAP», lê-se na Petição.

## URAP em defesa da paz e dos direitos, contra o racismo e a xenofobia

A URAP participou em várias manifestações em defesa de elementares direitos. A 14 de Janeiro esteve nas ruas de Lisboa a exigir **Paz no Médio Oriente, Palestina independente**, denunciando o massacre que Israel leva a cabo na Faixa de Gaza, a repressão em curso na Cisjordânia e reclamando um cessar-fogo imediato e permanente e a criação do Estado da Palestina soberano, independente e viável. A acção foi convocada pelo CPPC, CGTP-IN, MPPM e Projecto Ruído.

No dia 27 do mesmo mês, a URAP esteve presente na manifestação nacional pelo direito à **habitação**, realizada em várias cidades do país por uma plataforma de várias organizações e colectivos, que exigem Casa para Viver.

Realizada em várias cidades a 24 de Fevereiro, a manifestação nacional **contra o racismo e a xenofobia**, que decorreu sob o mote «vota contra o racismo», contou com a participação de uma delegação da URAP. Já em Janeiro, a propósito da convocação de uma manifestação anti-imigração, a URAP emitira um comunicado em que condenava as acções racistas, xenófobas e fascistas, opostas aos «valores e princípios democráticos» e aos direitos consagrados na Constituição, garantidos «a todos os que vivem e trabalham no nosso país».



# *Vamos comemorar os 50 anos do 25 de Abril! Vamos celebrar a liberdade!*



A Revolução de 25 de Abril de 1974, que pôs fim ao regime fascista de Salazar e abriu caminho à democracia, é um dos momentos mais altos da História de Portugal.

Os portugueses acordaram, na madrugada de 25 de Abril de 1974, ao som de Grândola, Vila Morena e da leitura de um comunicado da autoria de militares portugueses do MFA (Movimento das Forças Armadas) nas ondas da Rádio Clube Português, que abriu os caminhos da liberdade.

Os 48 anos de repressão, presos políticos, censura, falta de liberdade de expressão e organização, desigualdades sociais, miséria, analfabetismo, guerra colonial, que originaram durante esses anos tantas e tantas lutas dos portugueses, caíam na rua e expulsavam para o exílio o governo vigente e os donos de Portugal.

A democracia em Portugal cumpre 50 anos e esta geração e as seguintes, contra ventos e marés, têm de continuá-la. Os cravos de Abril não podem murchar, sob pena e regressarmos a um passado de falta de liberdade, desigualdade, piores condições de vida, mais privatizações na saúde, nas escolas, nas empresas vitais.

Para comemorar a data, a URAP está presente nas comemorações populares do 25 de Abril e promove outras, diversificadas, em vários pontos do País.

Para que a juventude, que é o futuro, esteja envolvida nas celebrações, apelamos às escolas de todo o país que organizem sessões de esclarecimento, debates, exhibições de filmes, exposições, que possam contar com a presença de antifascistas e ex-presos políticos. Para tal, têm apenas de contactar a URAP.

Vamos comemorar Abril! Vamos celebrar a liberdade!

## *Evocar o 18 de Janeiro de 1934*

A URAP, com uma delegação de centena e meia de activistas, juntou-se às comemorações dos 90 anos da insurreição do 18 de Janeiro na Marinha Grande, quando os operários vidreiros tomaram o poder por algumas horas durante a jornada nacional contra a lei de criação dos sindicatos fascistas. Esteve presente, o coordenador da URAP, José Pedro Soares, que usou da palavra durante a cerimónia, para

lembrar que os 90 anos do 18 de Janeiro se comemoram no mesmo ano que a Revolução de Abril faz 50 anos.

Manuel Pereira, do Conselho Nacional da URAP e presidente da Sociedade Desportiva e Recreativa Garciaense (SDRG), dirigiu-se também aos presentes no final de um almoço nas instalações da sociedade, em Garcia. A jornada contou ainda com uma romagem às campas de destacados vidreiros intervenientes no 18 de Janeiro de 1934.





MARTA  
NUMES  
2024



# Evocar a homenagear a resistência na luta antifascista do povo alentejano



Nos 50 anos do 25 de Abril e na sequência do 100º aniversário da Casa do Alentejo, em 2023, sob o lema «Cultura, Liberdade e Solidariedade», a URAP e a Casa do Alentejo partilhando os valores de Abril evocam e homenageiam os resistentes antifascistas alentejanos e o povo do Alentejo na sua luta heróica pelo pão, a liberdade, a paz e o progresso social.

Sim, durante os 48 anos do regime fascista de Salazar e Caetano os trabalhadores e a juventude do Alentejo, os democratas e antifascistas, estiveram na primeira linha de combate contra a ditadura fascista em três vertentes fundamentais, todas elas interligadas:

- a luta pelo pão, por melhores salários, menos horas de trabalho e por uma vida melhor e mais digna;
- a luta contra as perseguições e repressão fascistas;
- a luta pela liberdade e outros direitos democráticos.

O povo alentejano foi, sem dúvida, um dos que mais sofreu e mais lutou e nunca baixou os braços. Pagou por esse amor à liberdade com milhares de prisões, muitos foram torturados às mãos dos esbirros da PIDE e alguns pagaram com o sangue da sua própria vida por defenderem os valores supremos da liberdade e democracia.

Foram vilas e aldeias inteiras que foram cercadas pela GNR e a PIDE, tais como Montemor -o-Novo, Pias, Benavila, Vale de Vargo, Baleizão e muitas outras, no Alentejo e Ribatejo.

Milhares de pessoas foram presas em Montemor-o-Novo, em 21 de Maio de 1945, 1500 pessoas foram cercadas pela GNR e foram detidas na praça de toiros da vila. Mas também as grandes jornadas de luta em 1944 e 1945, em que centenas de trabalhadores rurais exigiram melhores salários e menos horas de trabalho. A luta pela conquista das 8 horas de trabalho, nos anos de 1961 e 1962, foi conseguida com muita coragem e determinação



contra o Governo fascista de Salazar, os latifundiários, a GNR e a PIDE.

Na gesta heróica do povo alentejano, nomes como Germano Vidigal, morto em consequências das torturas em 1945; Catarina Eufémia baleada mortalmente em 1954, em Baleizão; José Adelino dos Santos, assassinado em 23 de Junho de 1958; e, já depois do 25 de Abril, por defenderem a Reforma Agrária, foram assassinados em Montemor-o-Novo Caravela e Casquinha em 1979.

Todos eles comunistas determinados e abnegados, sempre à frente da justa luta em defesa do povo alentejano.

A história da luta do povo alentejano tem sido de uma heroicidade individual e colectiva, não só na luta social e política mas também na solidariedade, na cultura e nas artes, de que o exemplo mais comovente é o Cante Alentejano, telúrico e profundo, harmonioso e belo.

Na sua luta pela liberdade e democracia, também o povo alentejano esteve na primeira linha: nas eleições presidenciais de 1949, de Norton de Matos; nas de 1958, com Arlindo Vicente e o general Humberto Delgado, este último assassinado perto de Badajoz, em 1961; nas farsas eleitorais de 1969 e 1973; e na participação com teses e depoimentos no Congresso da Oposição Democrática em Abril de 1973, em Aveiro.

No 25 de Abril de 1974, como em todo o País, o Alentejo saiu em massa para a rua. Gritou-se bem alto em Évora, Beja e Portalegre, e em todas vilas e aldeias «viva a liberdade! Viva o 25 de Abril!»



O povo trabalhador alentejano vivia na miséria e com enormes carências, sem trabalho e pouco pão, os filhos para criar e tanta terra abandonada. Os anseios ancestrais «a terra a quem a trabalha» ecoou bem fundo nos corações alentejanos. Em Fevereiro de 1975 iniciaram o processo da Reforma Agrária, constituindo Unidades Colectivas de Produção e Cooperativas Agrícolas. Durante o ano de 1976 os trabalhadores agrícolas cultivaram, semearam e colheram numa área de 1 milhão e 200 mil hectares (cada hectare é igual a um campo de futebol).

Uma gesta heróica sem paralelo na Europa Ocidental, por isso foi raivosamente atacada ao longo dos anos 80.

A URAP, ao evocar e homenagear a resistência e luta antifascista do povo alentejano, solidariza-se nos 50 anos do 25 de Abril com a sua luta por uma vida melhor, pelo progresso social e pela paz em todo o mundo.



# Tarrafalistas homenageados em Lisboa

«O Tarrafal não foi nunca, nem deverá ser, um assunto que só dissesse respeito aos que por lá passaram. (...) O campo destinava-se a liquidar, em condições menos expostas, uma boa parte dos elementos mais firmes da luta contra o fascismo», afirmou, dia 17 de Fevereiro, António Vilarigues, membro do Conselho Directivo da URAP, junto ao Mausoléu dos Tarrafalistas no cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

António Vilarigues - filho do dirigente comunista Sérgio Vilarigues (1914-2007) que em 1936 esteve preso 46 meses no Tarrafal depois de ter passado pelo Aljube, Peniche e Angra do Heroísmo, após adesão à Federação da Juventudes Comunistas Portuguesas aos 18 anos - falava na cerimónia anual que

a URAP organiza para homenagear os 32 prisioneiros que morreram no Campo de Concentração e se encontram desde 1978 no Mausoléu Memorial, erigido por subscrição pública e no qual estão inscritos os seus nomes.

«O Tarrafal funcionou durante 17 anos, entre 1936 e 1954, período durante o qual foram encarcerados, torturados, mortos, 340 presos, totalizando 2.000 anos, 11 meses e 5 dias de perda da liberdade, a milhares de quilómetros de Portugal. Foi reaberto em 1962, desta vez destinado aos patriotas dos movimentos de libertação das colónias portuguesas. Foi encerrado definitivamente depois da Revolução de Abril, em 1974», disse António Vilarigues.



A sessão de homenagem foi aberta por Matilde Lima, do Conselho Nacional da URAP, e contou com um momento musical protagonizado por Sofia Lisboa, acompanhada à guitarra por Rui Galveias, e pelo Coro Lopes-Graça.

## Ficaram pelo caminho

No trimestre abordado neste boletim faleceram dois empenhados antifascistas: Odete Santos e José Ribeiro Sineiro.

### Odete Santos

Odete Santos, advogada e ex-deputada do PCP à Assembleia da República durante 27 anos, reconhecida pela verve, espontaneidade e coragem com que defendia as posições da sua bancada, morreu dia 27 de Janeiro, aos 82 anos.

Antifascista desde muito jovem, dedicou-se à intervenção cultural, à defesa da igualdade e emancipação da mulher e à solidariedade com os povos de todo o mundo. Em 1974 aderiu ao Partido Comunista Português, de que foi dirigente até 2012.

Integrou, igualmente, a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Setúbal. Foi membro da Assembleia

Municipal de Setúbal de 1979 a 2009, tendo sido presidente deste órgão entre Janeiro de 2002 e Novembro de 2009. Foi homenageada pela Câmara Municipal com a Medalha de Honra da Cidade de Setúbal.

Odete Santos é autora dos livros «Em Maio há cerejas» (Ausência, 2003) e «A Bruxa Hipátia – o cérebro tem sexo?» (Página a Página, 2010), e de uma colectânea de poesia (jornal Público) «A argamassa dos poemas». Foi impulsora do Teatro de Animação de Setúbal (TAS), onde representou conhecidos dramaturgos.

Como deputada à Assembleia da República, de Novembro de 1980 a



Abril de 2007, destacou-se nas áreas dos Direitos, Liberdades e Garantias e foi o rosto da bancada comunista na luta pela aprovação da despenalização da Interrupção Voluntária da Gravidez e do combate ao aborto clandestino.

Em 1998, Odete Santos foi agraciada pelo Presidente Jorge Sampaio com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Infante D. Henrique.

### José Ribeiro Sineiro

José Ribeiro Sineiro, ex-presos político e sócio da URAP, um dos fundadores da Associação de Defesa do Património de Torres Novas, morreu dia 23 de Fevereiro nesta cidade, aos 89 anos.

Jovem electricista mecânico na UTIC [União de Transportadores para a Importação e Comércio] foi preso a 17 de Março de 1960 por «actividades subversivas» contra o regime de Salazar tendo recolhido à prisão do Aljube. Foi ainda transferido no mesmo ano para o Forte de Peniche, sendo no fim do ano julgado e condenado a uma pena de dois

anos de prisão maior. Ficaria preso cinco anos e meio. Era militante do Movimento da Juventude Trabalhadora.

Muito torturado pela PIDE, com tortura do sono, espancamentos, queimado por cigarros, José Ribeiro contactou na cadeia com militantes do PCP encarcerados como António Dias Lourenço, José Vitoriano, José Carlos, Severiano Falcão, José Ribeiro, José Magro, Octávio Pato que o ligaram ao partido.

Participou em diversas lutas no Forte de Peniche, nomeadamente quando



os presos foram à janela gritar para a população: «Queremos visitas! Temos fome!». Foi libertado, com outros presos, a 1 de Junho de 1965, após uma campanha internacional em vários países como o Brasil, América, Inglaterra, Bélgica, Holanda e União Soviética.



## Do Programa do MFA às conquistas de Abril

Comemorar o 25 de Abril de 1974, festejar o derrube da ditadura fascista de Salazar e Caetano pela acção gloriosa do MFA, homenagear os militares de Abril, afirmar os valores de Abril e as conquistas da Revolução, nascidas da aliança histórica do povo e das suas Forças Armadas, e homenagear os resistentes antifascistas que não deram tréguas à ditadura e mantiveram acesa a esperança na liberdade, têm sido, ano após ano, em todo o país e em todos os locais onde existem comunidades de portugueses, objectivo primeiro de afirmação cívica do nosso povo.

A grandiosidade e a força das manifestações populares, ao longo de todos estes anos, sem quebras nem desânimos, são bem a prova provada do apego aos valores da Revolução de Abril, «esse que foi o momento mais luminoso da História de Portugal».

Estamos a falar do maior salto civilizacional de toda a nossa História: em pouco mais de 500 dias, a sociedade portuguesa deixou de ser uma sociedade vergada por uma feroz ditadura (que prendia, torturava e matava opositores), amordaçada, afastada dos ganhos civilizacionais do seu tempo, empobrecida até ao limite do concebível e vivendo uma guerra colonial que encaminhava o país para uma enorme catástrofe, para se alcançarem prenhes de esperança numa proposta de sociedade livre, democrática e justa que a Constituição da República Portuguesa (CPR) de 1976, uma das mais progressistas do Mundo, configura.

É bom lembrar que à data do 25 de Abril de 1974, a ditadura, já sem Salazar, se caracterizava como atrás descrito, Caetano limitar-se-ia a mudanças cosméticas que em nada alterariam a situação: a PIDE, passou a chamar-se Direcção Geral de Segurança (DGS); a Censura, Exame Prévio; a União Nacional, Acção Nacional Popular (ANP) etc. Todo o aparelho de repressão fascista se manteve sem alterações significativas.

É neste contexto que o MFA inscreve no seu programa, apresentado ao povo português logo no próprio dia 26 de Abril de 1974, como medidas imediatas, de entre outras:

- A destituição do Presidente da República, do Governo e de todos os governadores civis e governadores-gerais das províncias ultramarinas;
- A extinção da Acção Nacional Popular (ANP);
- A extinção da DGS (PIDE), Legião Portuguesa e Mocidade Portuguesa;
- A abolição da censura e exame prévio;
- A amnistia de todos os presos políticos.

E, como medidas de curto prazo, a serem implementadas pelo Governo provisório:

- A extinção dos tribunais plenários e a garantia da independência e dignificação do poder judicial;

- Liberdades políticas dos cidadãos;

- Liberdade de reunião e associação;

- Liberdade de expressão e pensamento;

- Reconhecimento de que a solução das guerras do ultramar era política e não militar;

- «Uma política económica, posta ao serviço do povo português, em particular das camadas da população até agora mais desfavorecidas, tendo como preocupação imediata a luta contra a inflação e a alta excessiva do custo de vida, o que necessariamente implicará uma estratégia antimonopolista»;

- «Uma nova política social que em todos os domínios, terá essencialmente como objectivo a defesa dos interesses das classes trabalhadoras e o aumento progressivo, mas acelerado, da qualidade de vida de todos os portugueses.»

Vai portanto competir aos governos provisórios a concretização destas medidas, claramente expressas no Programa do MFA, legitimadas pela esmagadora maioria da população portuguesa, em particular pela classe trabalhadora, como ficou, desde logo, bem demonstrado na maior manifestação de sempre: O primeiro 1.º de Maio em liberdade.



Reforma Agrária, das Nacionalizações e do Controlo da Gestão.

Um poderoso movimento popular, nas ruas, nos campos, nas fábricas, ganha consciência dos seus legítimos direitos e dispõe-se a lutar por eles, em aliança com o MFA - comprometido este com os desígnios do seu Programa - em particular durante os governos presididos por Vasco Gonçalves (II, III, IV e V Governos Provisórios). É de, desta gesta e deste período, que nasce o Portugal de Abril, construído sobre um valioso legado de Conquistas da Revolução que, de forma insofismável, se encontram plasmadas na CRP de 1976:

- Criação do salário mínimo e pensão social (3.300\$, abrangendo cerca de 50% dos trabalhadores por conta de outrem e mais de 68% dos trabalhadores da administração pública e nível mínimo das pensões de reforma em 50% do salário mínimo, o que resultou num aumento da pensão mínima de 800\$ para 1650\$ para os sectores da indústria e serviços;

- Direito à habitação para todos (a situação herdada da ditadura, registava 25% da população vivendo em barracas e habitações degradadas, sem as condições mínimas de habitabilidade;

- Igualdade de direitos (era vedado às mulheres, o acesso a cargos do Ministério da Justiça e da Administração Local e o Código do Processo Penal registava ainda resquícios de tratamento discriminatório relativamente à mulher, em particular de tratamento do cônjuge varão relativamente a certos tipos de crime);

- Reconhecimento do direito à independência das colónias e consequentemente, o fim da guerra colonial;

- Direito à greve;

- Subsídio de desemprego;

- Educação para todos (a situação herdada da ditadura registava 26% de analfabetos e taxas de escolarização baixíssimas: educação infantil 6%, ensino básico 65%, ensino secundário 25% e com acesso ao ensino superior, apenas 418 em cada 100.000 habitantes);

- Saúde para todos (grande parte da nossa população vivia afastada de cuidados de saúde, tendo, desde logo, o I Governo Provisório, iniciado medidas tendentes à criação de um serviço nacional de saúde ao qual tivessem acesso todos os cidadãos e o IV Governo, presidido por Vasco Gonçalves, avançado com o Serviço Médico à Periferia, passo decisivo para a criação do Serviço Nacional de saúde, que viria a ser criado em 1979);

- O Poder local democrático, uma das mais belas conquistas de Abril.

E, poderia ainda acrescentar muitas mais a estas conquistas de que ainda hoje desfrutamos - algumas tendo sofrido limitações e/ou condicionamentos em consequência das sete revisões constitucionais precedentes - ou acrescentar algumas das mais importantes conquistas entretanto liquidadas pela voragem neoliberal dominante, como foi o caso da

E, não se diga, como ontem, e hoje, alguns pantomineiros querem fazer crer, que se tratou de excessos revolucionários, pois, para além da sua plena integração na Lei Fundamental, o próprio Programa do I Governo Constitucional, ao definir os grandes objectivos da política do Governo, se propunha:

«Consolidar as grandes reformas trazidas pela Revolução, tais como a política de nacionalizações, a Reforma Agrária e o controlo de gestão, nos termos das leis em vigor e no respeito da Constituição.

— Tais reformas não-de considerar-se irreversíveis porque esse é o sentido ineludível dos sucessivos votos populares.»

Se agora nos lembrarmos que a situação internacional, na altura (1974 e 1975), era de depressão económica generalizada e que, também na mesma altura, houve que alojar e integrar 650.000 cidadãos retornados das ex-colónias, mais orgulhosos ficamos daquele luminoso período da nossa história, tanto mais quanto a situação económica portuguesa, no início de 1976, se apresentava «surpreendentemente saudável», nas palavras escritas, «preto no branco», em relatório insuspeito, patrocinado pela OCDE.

É tudo isto, esta iniludível realidade, do antes e do depois do 25 de Abril de 1974, que se tem procurado esconder das novas gerações, um pouco pela cegueira endémica de alguns e principalmente porque os derrotados em Abril e seus sucedâneos, então de forma sub-reptícia e hoje às claras, a tentam apagar.

Acordar é preciso!

**José Baptista Alves,**  
Coronel, militar de Abril

# Conferência Internacional

## «50 anos do 25 de Abril – Democracia, paz e liberdade – fascismo nunca mais»

A URAP promove, dia 26 de Abril, na Escola Secundária de Camões, em Lisboa, a Conferência Internacional «50 anos do 25 de Abril – democracia, paz e liberdade – fascismo nunca mais», para a qual convidou personalidades portuguesas e estrangeiras, que participarão igualmente num conjunto de outras celebrações destinadas a comemorar Abril.

O secretário-geral da Federação Internacional de Resistentes (FIR), Ulrich Schneider, e personalidades portuguesas, como o Almirante Martins Guerreiro, os historiadores Luís Farinha e Manuel Loff, a directora do Museu de Peniche Aida Rechená, a directora do Museu do Aljube Rita Rato, o deputado António Filipe, o escritor Domingos Lobo, a presidente

do Conselho da Paz Ilda Figueiredo e o jornalista José Goulão, estarão entre os oradores.

Juntam-se a este debate várias entidades e organizações internacionais, visando traçar uma avaliação do contexto europeu e mundial e contribuir para melhorar a intervenção social e política dos resistentes antifascistas. A encerrar a sessão haverá um momento cultural com o Coro Fernando Lopes Graça da Academia de Amadores de Música.

A URAP organiza um programa complementar que inclui a participação na manifestação do 25 de Abril, em Lisboa, e no dia 27 de Abril uma deslocação ao Monumento «Libertadores e Libertados»,

em Caxias, para evocar a libertação dos presos políticos do regime fascista, e à inauguração do MNRL - Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche.

O conjunto das intervenções proferidas serão coligidas num livro, a editar oportunamente.

Comemorar os 50 anos do 25 de Abril, que trouxe a Portugal a liberdade e a democracia, e condenar as diversas expressões e movimentos de extrema-direita fascizantes que as ameaçam no país, na Europa e no mundo é objectivo da conferência internacional da URAP.

Para participar é necessário proceder a uma pré-inscrição junto dos núcleos da URAP.

## *Dia 27 de abril, em Peniche:* ***todos à inauguração do Museu Nacional Resistência e Liberdade, em Peniche***

Finalmente vai ser inaugurado o Museu Nacional Resistência e Liberdade na Fortaleza de Peniche. Assim, no próximo dia 27 de Abril, para também celebrar os 50 anos da libertação dos presos políticos, democratas e antifascistas vão celebrar esta importante vitória. A URAP apela a que se inscrevam nas excursões que estão a ser organizadas pelos núcleos, em todo o país,

para em Peniche ter lugar uma grandiosa celebração e festa popular.

O primeiro momento do programa ocorre entre as 10h00 e as 11h15, com uma passagem pelo monumento Libertadores e Libertados, junto à Estação da CP em Caxias, onde haverá uma curta cerimónia, com um momento cultural e intervenções.

Já em Peniche, pelas 14h30, há encontro marcado junto aos bombeiros para o início do desfile que percorrerá o centro da cidade e que será acompanhado pela centenária Banda da Sociedade Musical Fraternidade Operária Grandolense. O programa culmina com esse que será um momento histórico: a inauguração popular do MNRL – Museu Nacional Resistência e Liberdade, na Fortaleza de Peniche.

### **DESFILE CONSTITUIÇÃO DE ABRIL**

2 de Abril, terça-feira, 17h  
Largo do Carmo à Assembleia da República

50 anos de Abril



UNIÃO DE RESISTENTES  
ANTIFASCISTAS PORTUGUESES

Nos 50 anos do 25 de Abril, reforça a URAP, participa nas iniciativas, contribui financeiramente.

NIB: 0007 0021 0014 3550 0065 3



**NOVO  
LIVRO  
lançamento  
a 6 de Abril**

[WWW.URAP.PT](http://WWW.URAP.PT)

[www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses](http://www.facebook.com/uniaoderesistentesantifascistasportugueses)